

QUAL O GÊNERO DO **BRINCAR**? Aprendendo a ser “menino” ... Aprendendo a ser “menina”

Liana Gois Leite¹
Jane Patrícia Feijó²
Paula Viviane Chiés³

RESUMO

O gênero é uma construção social, ou seja, criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Neste contexto o presente estudo analisou as relações entre os diferentes gêneros e a maneira como eles se expressam no “brincar”. A amostra contou com 15 crianças, sendo sete meninas e oito meninos, todos com idade entre três e quatro anos, estudantes de um Centro de Educação Infantil (Brasília-DF). Foram realizadas cinco sessões de Observação Sistemática (RICHARDSON, 1999) de brincadeira “livre”, momento em que as crianças não possuíam atividades direcionadas e uma entrevista semiestruturada com a professora responsável pela turma. A partir da análise dos dados, inferiu-se que a formação de grupos não foi determinada obrigatoriamente pela composição do grupo segundo os diferentes gêneros, porém, foi encontrada uma maior incidência de grupos homogêneos. As brincadeiras não necessariamente seguiram os estereótipos sociais atrelados aos gêneros.

Palavras-chave: Gênero; Educação Infantil; Brincadeira

1 Bacharel em Educação Física. UNIEURO, Brasília – DF, Brasil. E-mail: liana.gois@unieuro.com.br

2 Bacharel em Educação Física. UNIEURO, Brasília – DF, Brasil. E-mail: janefeijo@hotmail.com

3 Doutora em Psicologia Social. Professora da UNIEURO, Brasília - DF, Brasil. E-mail: paulachies@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos, isso porque seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (BEAVOUIR, 1970). É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.

O conceito de gênero representa a aceitação de que a masculinidade e a feminilidade transcendem a questão da anatomia sexual, remetendo a redes de significação que envolvem diversas dimensões da vida das pessoas. Comporta a permanente interdependência entre o biológico e o psicossocial em cada cultura específica. É a este processo de incorporação que se aplica a expressão socialização de gênero.

O processo de socialização revelado como inconcluso, apresenta categorias de gênero que são permanentemente reconstruídas pelos indivíduos em suas interações e com elas os valores, papéis, atribuições e normas de interação entre os sexos. Parte-se, portanto, de uma visão sistêmica dos processos de socialização, considerando não apenas os diferentes espaços e trocas interpessoais nos quais tais processos acontecem, mas também a influência que o indivíduo (seja criança, adolescente ou adulto) exerce sobre o grupo social (PEREIRA; JESUINO, 1985).

Os jogos e as brincadeiras são mecanismos de aprendizado cognitivo e social, se caracterizando como um momento de descoberta da realidade por parte das crianças de maneira espontânea e expressiva. Nos estudos de Rizzi e Haydt (1998), o aspecto lúdico do comportamento humano foi evidenciado de maneira instintiva e até mesmo anterior às influências culturais mais abrangentes do indivíduo. No entanto, o ambiente sociocultural e as relações com o meio são fortes mecanismos de interferência nas ações reflexas de ludicidade do ser humano.

Diversos aspectos do brincar vêm sendo estudados ao longo dos anos, tais como sua relação com o desenvolvimento (PELLEGRINI; SMITH, 1998), o brincar enquanto meio de transmissão e ressignificação da cultura na qual a criança está inserida (CONTI; SPERB, 2001; CARVALHO; PEDROSA, 2002; PONTES; MAGALHÃES, 2003), aspectos universais da interação no brincar, incluindo semelhanças e diferenças entre os gêneros (MARTIN; FABES, 2001) e entre diferentes contextos culturais (GOSSO, 2004; MORAIS, 2004).

Essa diversidade de enfoques contempla a afirmação de Rabinovich (2003) acerca da natureza do brincar. Para o autor, o brincar pode ser pensado como um comportamento adaptado e adaptativo da espécie. Adaptado porque é comum a todos os membros da espécie; e adaptativo, porque se todos da espécie brincam, variam o como, onde, com quem e com quem brincam (HANSEN et al., 2007).

Embora a brincadeira seja uma atividade universal e inerente às crianças, cada cultura possui uma forma de expressão que é reflexo das características ambientais específicas (GOSSO, 2004). Segundo

Morais (2004), tanto a brincadeira como os brinquedos que ela pode envolver, estão marcados pela identidade cultural e por características sociais específicas de um grupo social. As diferenças de gênero no brincar infantil foram verificadas por diversos estudos (MORAES, 2001; MARTIN; FABES, 2001; SOUZA; RODRIGUES, 2002; FINCO, 2003; VIANNA, FINCO, 2008) e são importantes na medida em que possibilitam que meninos e meninas desenvolvam-se de forma diferenciada, adquirindo habilidades diversificadas e, deste modo, distinguindo seu papel de gênero de acordo com a sociedade e cultura nas quais estão inseridos (HANSEN et al., 2007). Nota-se que a identificação e discussão de questões de gênero, devem ser sinalizadas muito cedo, Faria (2006) ressalta que a superação da desigualdade passa pela educação desde a primeiríssima infância em espaços coletivos na esfera pública a partir do estímulo ao convívio com as diferenças.

A principal questão de problematização do presente estudo relaciona-se ao fato de que as crianças mesmo nos primeiros anos de educação formal demonstram comportamentos estereotipados por gênero, sobretudo, o contato dessas crianças sendo dado primordialmente pelas brincadeiras, essas atividades são contextos otimizados para identificarmos a caracterização da influência dos professores no condicionamento a práticas sexistas ou conjuntas.

Nesse contexto, o estudo teve como propósito analisar as relações entre os diferentes gêneros e a maneira como eles se expressam no “brincar” em crianças na primeira infância, assim como discutir possibilidades de intervenção para a desconstrução de formas rígidas de expressão lúdica na criança. O estudo também se

propõe a refletir acerca do quanto o meio em que a criança vive influencia no modo como brinca.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Sayao (2002) destaca que, maioria das vezes, as meninas agrupam-se entre si e escolhem brincadeiras relacionadas ao que denominamos tradicionalmente universo feminino: brincam de bonecas, de casinha, de cabeleireiro. Enquanto isso, os meninos fazem uso de jogos como memória, “lego” ou de construção e similares. Em alguns casos, meninos e meninas interagem, porém, na maioria das vezes, fazem opções por atividades com crianças do mesmo sexo.

O conceito de gênero se apresenta como uma importante categoria de análise das brincadeiras. Segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana.

É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. O conceito de gênero implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados. Compreender como são produzidas, pelas culturas e sociedades, as diferenças nas relações entre homens e mulheres. Portanto, como nos diz Scott (1995), gênero pode ser entendido como a organização social da diferença sexual.

Algumas brincadeiras preferidas pela maioria das meninas conduzem à passividade, enquanto os meninos geralmente preferem atividades consideradas

mais ativas e vigorosas. Na aquisição dos papéis masculino e feminino, ao longo do tempo, estes hábitos corporais diferenciam a corporeidade e a motricidade e, em consequência, um sexo se torna mais apto do que outro em termos motores, não porque um sexo seja naturalmente mais hábil do que o outro, mas porque o movimento é construído historicamente de forma esteotipada entre os sexos (MELLO, 2001).

Quando pensamos em crianças e nas suas particularidades é inevitável pensar no brincar. Isto porque o ato de brincar é inerente à criança, é de sua natureza brincar, é seu direito resguardado pela Constituição e em muitas outras leis. Na **Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da criança e do Adolescente** em seu Capítulo II intitulado “Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade” discorre sobre a importância da livre expressão da criança e do adolescente e em seu Artigo 16 inciso IV cita o brincar, juntamente com a prática de esportes e a diversão como sendo aspectos que compreendem o direito à liberdade (BRASIL, 1990).

A **brincadeira** é fonte de inúmeros estímulos ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, oferece-lhe oportunidades de realizar atividades coletivas, contribui para o processo de aprendizagem, estimula o desenvolvimento de habilidades básicas, a aquisição de novos conhecimentos e também é uma forma muito importante de autoexpressão. É o momento em que a criança libera suas emoções, seus pensamentos, exercita a criatividade, é a sua

forma de interação com mundo. Segundo Piaget (1983), a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, esta não é apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas meio que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual.

Sendo gênero uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante aulas de educação infantil, porque gênero, idade, força e habilidade formam um “emaranhado de exclusões” vivido por meninas e meninos na escola (ALTMANN, 1998).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo seguiu as características da pesquisa qualitativa. Uma pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1997). Ela tem como base a sua observância como critério analítico da realidade. Portanto, a pesquisa é a imersão dos dados no contexto e perspectiva para conduzir o resultado.

COLETAS DE DADOS

O estudo foi realizado em um centro de ensino de Brasília - CEB (Distrito Federal), no turno vespertino, na turma do maternal

4 Apesar de definições de classe social/econômica não ter composto o quadro de variáveis independentes do presente estudo, deve-se destacar que as crianças participantes do estudo advêm de famílias com poder aquisitivo alto, de classe média alta a alta e que a escola está localizada em um bairro nobre de Brasília.

II. A amostra foi composta por 15 crianças⁴, sendo sete meninas e oito meninos, com idade entre três e quatro anos.

O grupo para amostra foi escolhido pela homogeneidade (quantitativo próximo de meninos e meninas na turma) na quantidade de alunos entre os gêneros encontrados nessa turma e pela faixa etária que se encontram, pois estudos demonstram que preferências sexualmente estereotipadas foram identificadas aos 18 meses de idade (BERALDO, 1993), e podem ser consideradas como elucidadoras da segregação de gênero no brincar infantil (MACCOBY, 1988). Aos três anos de idade, as crianças já possuem uma capacidade definida de atribuir rótulos de gênero, tanto a si, como aos outros, demonstrando preferência por brincar com grupos do mesmo sexo, o que se mantém até boa parte do ensino fundamental, apesar de a maioria das crianças também participar de grupos mistos (BERALDO, 1993).

Foram realizadas cinco sessões de observação de brincadeira livre, ou seja, momentos nos quais as crianças desenvolviam atividades sem direcionamento de acordo com as suas preferências, com duração de 50 minutos, utilizando o método da Observação Sistemática. A observação é o exame minucioso sobre um fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes; é a captação precisa do objeto examinado. A observação incorpora novos elementos ao sentido comum da palavra e apresenta uma dimensão mais ampla e complexa da situação (RICHARDSON, 1999).

A observação sistemática sugere uma estruturação determinada na qual serão anotados os fatos ocorridos e a sua frequência, é importante lembrar que só será possível desenvolver uma observação sistemática quando se tem algum

conhecimento do problema, pois só assim será possível estabelecer categorias em função das quais se deseja analisar a situação.

Como instrumento para o procedimento de observação sistemática foi utilizado um roteiro de observação, baseado nos seguintes tópicos: (1) *o tipo de interação entre as crianças* (sozinha, em duplas ou em grupos); (2) *a composição grupal segundo o gênero* (grupos homogêneos ou mistos); (3) *o tipo de brinquedo ou ausência dele e brincadeiras preferidas*; (4) *as intervenções do(a) professor(a)*, e (5) *as observações gerais*.

Ao final do período de observação foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora regente, responsável pela turma. A professora foi indagada a respeito das questões entre os gêneros e o brincar, da identificação, da interpretação e da intervenção em relação a estes aspectos.

A responsável pela turma, professora regente e a coordenadora da escola preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Resolução CNS 196/96 que normatiza pesquisa com seres humanos, explicando os objetivos e procedimentos da pesquisa. A participante da entrevista, professora regente da referida turma, foi convidada a compor o estudo por meio da apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido que explicou que sua participação na pesquisa teria caráter voluntário e com possibilidade de descontinuar a participação a qualquer momento. Também recebeu esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, a divulgação de dados, o anonimato dos participantes do estudo, e que não haveria nenhum custo, ônus ou benefício.

Fez-se necessário saber qual era a visão da docente em relação a sua percepção de gênero, sua interpretação, identificação

e possíveis intervenções acerca do brincar.

Antes do início da entrevista, a professora foi submetida a uma breve explicação do tema gênero e suas implicações na vida escolar, bem como a importância deste tipo de análise para a educação infantil. Durante a entrevista tomou-se o cuidado de transcrever exatamente todas as reações, comentários e expressões associados ao assunto perguntado, mesmo que estes não se encaixassem na resposta propriamente dita.

Para a realização da entrevista a professora autorizou, através do Termo de consentimento livre e esclarecido, a utilização dos dados coletados e suas respostas na pesquisa. Foram realizadas as subsequentes indagações à participante do estudo: (1) *Você percebe diferenças entre os gêneros no brincar;* (2) *Como você percebe estas diferenças?;* (3) *Qual é a sua interpretação e perspectiva crítica em relação a elas?;* (4) *Você enxerga possibilidades de mudança?;* (5) *Como o(a) professora pode intervir neste contexto?*

Para Minayo (1997) a entrevista é uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Esta técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado; serve como um meio de coleta de informações sobre determinado tema científico. A entrevista semiestruturada possui perguntas previamente definidas, mas também abre espaço para que o entrevistado fale livremente sobre o tema abordado.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No estudo, as categorias (MINAYO, 1997) para a análise dos dados, foram estabelecidas a partir da coleta de dados

seguindo o roteiro de observação. No *tópico 1* – “Tipo de interação” buscou-se entender qual era o tipo de interação realizada entre as crianças, se brincavam mais sozinhas, em duplas ou em grupos. No *tópico 2* – “Composição grupal segundo gênero” buscou-se ponderar até que ponto o gênero pode ser um fator determinante na organização das atividades na Educação Infantil. No *tópico 3* – “Tipos de brinquedo e/ou brincadeira preferidos” pretendeu-se investigar quais objetos e/ou brincadeiras chamavam mais a atenção das crianças. O *tópico 4* – “Intervenção do Professor (a)” foram transcritas as ações da professora em todos os momentos da aula.

Com o desenvolvimento da Coleta de Dados observou-se que estes tópicos poderiam transformar-se em categorias de análise para compreender os significados pertinentes ao comportamento das crianças, somando-se a outras categorias que previamente se concebia a possibilidade de surgirem como variáveis dependentes.

No início das aulas predominou o tipo de interação em grupo, sendo estes com composição grupal mista (meninos e meninas). O tipo de brinquedo predominante, neste momento da aula, foi muito variado, em duas das sessões houve ausência de brinquedo, no “Dia do brinquedo” os tipos variaram muito, pois cada criança podia trazer de casa o brinquedo de sua preferência e nas outras duas sessões de observação os brinquedos foram, bambolê, corda e bola. As intervenções da professora no início das aulas foram limitadas a breves explicações e a distribuição de brinquedos, quando presentes.

No desenvolvimento das aulas houve predominância do tipo de interação em grupos (trios e duplas). A composição grupal

segundo o gênero foi equilibrada, a metade das divisões voluntárias, realizadas pelas crianças, foram em grupos homogêneos (mesmo gênero) e a outra metade em grupos mistos. Os tipos dos brinquedos alteraram, porém no geral os meninos, preferiram brinquedos que proporcionassem maior movimentação, como bolas, escorregadores, escadas, balanços, etc. Já as meninas se interessaram por brinquedos que exigiam maior coordenação e imaginação como desenhar, cordas, bambolês, bonecas, etc.

Com referência ao tipo de brinquedo ou características básicas da atividade, os dados coletados pelo presente estudo coadunam com as inferências publicadas por estudos recentes. Mariano e Altmann (2016) ao compararem as intervenções frente ao contexto de gênero, de um professor e de uma professora, ambos de duas instituições públicas de educação infantil em Campinas, relatam uma tendência de em momentos livres, meninas buscarem predominantemente, embora não de maneira exclusiva, atividades menos dinâmicas, como jogos de encaixar e manipulação de pequenos brinquedos, enquanto os meninos demonstraram maior interesse por práticas mais dinâmicas e de um maior espaço, como jogos de bola.

No estudo de Wanderlind (et al., 2006) através de uma coleta de dados segmentada em instituições educacionais diferentes, sendo uma voltada à Educação Infantil e outra Ensino Fundamental. As atividades da Educação Infantil foram desenvolvidas em uma brinquedoteca, as crianças usaram o espaço e os brinquedos livremente, uma vez por semana, durante um período de 45 minutos, em horário curricular. Em cada período 15 crianças frequentaram o local e foram monitoradas

por uma professora. Nesse contexto observou-se na turma de educação infantil que em comparação com as meninas, os meninos brincaram mais com brinquedos que reproduziam o mundo técnico (veículos, bonecos e aparelhos em miniatura; objetos transformáveis, robôs) enquanto que elas brincaram mais com brinquedos relacionados ao desenvolvimento afetivo como, por exemplo, pelúcia, bonecas, bebês, acessórios para bonecas, roupas, bijuterias, louças, panelinhas, fogões, etc. Outro resultado importante do mesmo estudo indicou a ausência de efeito do gênero sobre o tipo de interação (grupos mistos ou homogêneos) das crianças na Educação Infantil. Esse resultado também harmoniza com nossas inferências, isso porque no CEB investigado não foi marcante a divisão de grupos obrigatoriamente definida por gênero na Educação Infantil.

A partir de observações realizadas ao comportamento de crianças de três a sete anos de idade, em um pátio de uma instituição educacional infantil durante o período de recreio, Fernandes e Elali (2008) constataram que os meninos utilizaram um maior número de áreas do pátio, explorando uma maior variedade de atividades (jogam futebol, usam carrinhos, brinquedo múltiplo, casinha e brincam de animais), enquanto as meninas permaneceram mais tempo brincando na casinha e de areia, assim como as meninas permaneceram em locais mais próximos às professoras e recorreram mais a essas do que os meninos.

No caso da “intervenção da professora”, no CEB investigado pelo presente estudo, a docente preocupou-se em deixar as crianças brincarem livremente, intervindo apenas em alguma situação de briga ou discórdia:

“[...] As meninas estão mais atentas e preocupadas com detalhes, demonstrando maior atenção e leveza, observo isso ao ver trabalhos de artes visuais, normalmente são mais coloridos, com detalhes de riqueza e cores. Já os meninos demoram um tempo maior para o amadurecimento do cognitivo e da linguagem, estão mais preocupados em desenvolver os movimentos corporais [...]”.

No momento de “volta à calma” (finalização) da aula, observou-se o tipo de

interação em grupos, a maioria deles mistos com compartilhamento dos brinquedos e, por consequência das brincadeiras entre as crianças, havendo mais interação neste período entre os diferentes gêneros. Seguem abaixo quadros que organizam os dados encontrados nas observações realizadas e sua distribuição pelas quatro categorias de análise: (1) *tipo de interação*, (2) *composição grupal segundo gênero*, (3) *tipo de brinquedo ou ausência* e (4) *intervenções da professora*.

Quadro 1⁵ – Descrição dos dados na 1^a. Sessão de observação perante os períodos da aula

Categories de análise	Início	Desenvolvimento	Volta à calma
TIPO DE INTERAÇÃO (Sozinho, duplas, grupos)	1 grupo (15 crianças)	2 grupos (7 e 6 crianças) e 1 dupla	1 grupo (10 crianças); 1 trio; 1 dupla
COMPOSIÇÃO GRUPAL SEGUNDO GÊNERO (Grupo homogêneo ou misto)	Misto	2 grupos homogêneos (7 ♂ e 6 ♀)	1 grupo misto (10 crianças: 6 ♂ e 4 ♀) 1 trio homogêneo ♀ 1 dupla homogênea ♂
		1 dupla mista	
		2 grupos mistos (7 crianças: 4 ♀ e 3 ♂ 6 crianças: 2 ♂ e 4 ♀);	
		1 dupla mista	
TIPO DE BRINQUEDO OU AUSÊNCIA	Ausência de brinquedo	7 ♂: <i>Brinquedos de montar</i> 6 ♀: <i>Desenho</i>	10 crianças: <i>bola</i> 3 ♀: <i>bambolê</i> 2 ♂: <i>brinquedos de montar.</i>
		1 ♂ e 1 ♀ <i>sem brinquedo</i> (brincadeira imaginativa)	
		1 ♂ e 1 ♀ <i>sem brinquedo</i> (brincadeira imaginativa)	
INTERVENÇÕES DA PROFESSORA	Acolhida e distribuição dos brinquedos	- A professora pediu para que alguns alunos trocassem de lugar, tornando os grupos mistos; - Preocupou-se em deixar as crianças brincarem livremente.	- Solicitou a todos que guardassem os brinquedos nos seus lugares e fizessem uma roda; - Formaram uma fila e se dirigiram para a próxima atividade.

5 Em todos os quadros aparecem os símbolos ♂ com referência ao gênero masculino e ♀ com referência ao gênero feminino.

Quadro 2 – Descrição dos dados na 2ª. Sessão de observação perante os períodos da aula

categorias de análise	Início	Desenvolvimento	Volta à calma
TIPO DE INTERAÇÃO	1 grupo (15 crianças)	1 grupo (7 das crianças) 2 trios 1 dupla.	1 grupo G1 (6 crianças) 1 grupo G2 (5 crianças) 1 grupo G3 (4 crianças)
COMPOSIÇÃO GRUPAL SEGUNDO GÊNERO	Misto	<p>1 grupo misto (4 ♂ e 3 ♀)</p> <p>1 trio homogêneo ♀</p> <p>1 trio homogêneo ♂</p> <p>1 dupla mista</p>	<p>Todos os grupos foram mistos.</p> <p>G1 – 4 ♂ e 2 ♀</p> <p>G2 – 1 ♂ e 4 ♀</p> <p>G3 – 3 ♂ e 1 ♀</p>
TIPO DE BRINQUEDO OU AUSÊNCIA	<p>-Ausência de brinquedo</p> <p>-Apresentação dos brinquedos que poderiam ser utilizados</p>	<p>Grupo misto: escorregador, escada de obstáculos e túnel: 2 ♀ trocaram e foram para o balanço. 3 ♀: corda 3 ♂: balanços e bola.</p> <p>1 dupla mista sem brinquedo (brincadeira imaginativa)</p>	<p>G1 – escorregador, escada de obstáculos e túnel (presença de brincadeira imaginativa)</p> <p>G2 – pular corda</p> <p>G3-brincadeira imaginativa, uso da escada de obstáculos.</p>
INTERVENÇÕES DA PROFESSORA	-Breve explicação sobre o tempo disponível para a recreação, os materiais que poderiam ser utilizados e sua expectativa em relação ao comportamento deles.	Preocupou-se em deixar as crianças brincarem livremente. Apenas entrevistou nos momentos em que surgia alguma discordância entre as crianças.	Avisou a turma quando faltavam cinco minutos finais, formaram uma fila para hidratação e se dirigiram para a próxima atividade.

Quadro 3 – Descrição dos dados na 3ª. Sessão de observação perante os períodos da aula

Categories de análise	Início	Desenvolvimento	Volta à calma
TIPO DE INTERAÇÃO	1 grupo (15 crianças)	Grupo composto por 6 alunos, um trio, uma dupla e uma criança sozinha.	2 grupos e um trio.
COMPOSIÇÃO GRUPAL SEGUNDO GÊNERO	Misto	Grupo homogêneo: 6 ♀ 1 trio de ♂ 1 dupla de ♂ 1 ♀ brincando sozinha (algumas vezes interagiu com os ♂ do trio)	Grupo homogêneo: 6 ♀
			Grupo misto 5 ♂ e 1 ♀
			1 trio homogêneo ♂
TIPO DE BRINQUEDO OU AUSÊNCIA	"Dia do brinquedo": 3 bonecas (tipo bebê), 3 <i>barbies</i> , 1 ursinho de pelúcia, 3 bonecos de super-heróis, 3 carrinhos e 2 bolas.	Grupo de 6 ♀ brincou com as bonecas (simulação de casinha)	10 crianças: bola 3 ♀: bambolê 2 ♂: brinquedos de montar.
		O trio composto por ♂ brincou de super-heróis utilizando os bonecos	
		A dupla de ♂ jogou futebol (hora com as mãos, hora com os pés)	
		1 ♀ brincando sozinha com o ursinho de pelúcia.	
INTERVENÇÕES DA PROFESSORA	Acolhida e orientação aos alunos para a importância de brincar em grupo e de compartilhar os brinquedos trazidos.	A professora procurou deixar as crianças brincarem e interagirem livremente.	Ao final a professora reuniu os alunos, elogiou o comportamento de todos e propôs a troca dos brinquedos entre os alunos para a próxima atividade.

Quadro 4 – Descrição dos dados na 4ª. Sessão de observação perante os períodos da aula

Categories de análise	Início	Desenvolvimento	Volta à calma
TIPO DE INTERAÇÃO	1 grupo (14 crianças)	2 grupos (3 e 4 crianças)	1 grupo (13 crianças) misto
COMPOSIÇÃO GRUPAL SEGUNDO GÊNERO	Misto	1 grupo mistos (G1) (3 ♂ e 3 ♀)	1 grupo (13 crianças) misto
		1 grupo mistos (G2) (4 ♂ e 4 ♀)	
TIPO DE BRINQUEDO OU AUSÊNCIA	Corda	Corda	_____
INTERVENÇÕES DA PROFESSORA	Delimitar o espaço	Delimitar o espaço ao pular a corda	Solicitou a todos que caminhassem livremente pelo pátio externo. Formaram uma fila e se dirigiram para a sala de aula.

Quadro 5 – Descrição dos dados na 5ª. Sessão de observação perante os períodos da aula

Categories de análise	Início	Desenvolvimento	Volta à calma
TIPO DE INTERAÇÃO	1 grupo (12 crianças)	2 grupos (5 e 7 crianças)	1 grupo (12 crianças)
COMPOSIÇÃO GRUPAL SEGUNDO GÊNERO	Misto	1 <i>grupo misto</i> (G1) (2 ♂ e 3 ♀)	1 <i>grupo misto</i> (12 crianças)
		1 <i>grupo misto</i> (G2) (5 ♂ e 2 ♀)	
TIPO DE BRINQUEDO OU AUSÊNCIA	Bambolê e Bola	Bambolê (G1) Bola (G2)	1 <i>grupo misto</i> (G1): (2 ♂ e 3 ♀)
			1 <i>grupo misto</i> (G2): (5 ♂ e 2 ♀)
INTERVENÇÕES DA PROFESSORA	Distribuição dos brinquedos	Deixou as crianças livres para escolherem os brinquedos previamente selecionados por ela.	Solicitou a todos que guardassem os brinquedos nos seus lugares; Formaram uma fila e se dirigiram para a sala de aula.

Na análise das “intervenções da professora”, foi identificada uma correspondência do teor de seu discurso com o comportamento observado:

“[...] o professor precisa ter um olhar individualizado com cada criança e um cuidado ao trabalhar a união e aproximação do grupo. Isso se dá com muito trabalho e tempo. Respeitar as opiniões das crianças, expor momentos de diálogo tanto em grupo, conversas informais com os colegas permitindo que ele interaja entre si, sempre com o olhar do professor. O professor precisa estar atento e ter cuidado para saber unir os grupos, um olhar diferenciado e cuidadoso com crianças que sentem maior dificuldade de interação, de se expor, procurando sempre integrá-las a um grupo [...]”.

As “intervenções da professora” estiveram centradas na otimização da interação social entre as crianças, não havendo quaisquer iniciativas para reforçar a segmentação por gênero no desenvolvimento

das brincadeiras, ao contrário promoveu intencionalmente situações para que os grupos formados fossem mistos. A partir dos dados levantados pelo estudo e a análise de estudos recentes, é possível discutir a existência de correlação entre a baixa presença de segmentação definida pelo gênero (estereotipia) na Educação Infantil com o perfil de intervenção pedagógica desenvolvido pelos profissionais investigados, tanto em atividades conduzidas pelo docente, quanto em brincadeiras realizadas livremente pelas crianças. Desse modo, conforme as inferências encontradas no presente estudo, houve praticamente a mesma frequência de formação de grupos mistos (meninos e meninas) ou homogêneos (apenas um gênero) entre as crianças no CEB.

Wanderlind (et al., 2006) mostra em seu estudo anteriormente citado, que no total de brincadeiras desenvolvidas no contexto investigado na Educação Infantil, 66% delas foram de mesmo sexo e 44% foram mistas, ou seja, envolviam porcentagens

próximas. Nesse contexto o professor foi conjuntamente caracterizado por propiciar relações de gênero não polarizadas em suas aulas, com estímulo a uma maior interação entre meninos e meninas.

Para Finco (2003) é evidente que a estereotipia expressa pelos alunos em termos do *brincar* emerge como reflexo da atuação do adulto, não havendo espaços prévios e rigidamente definidos próprios às crianças que sejam considerados incompatíveis a determinados gêneros, como por exemplo “não posso manipular este brinquedo pois sou menino; não jogo bola porque sou menina”. Ou mesmo, práticas que impeçam o brincar em grupos mistos. Enfim “[...] as categorizações dos brinquedos são construções criadas por adultos e não têm significado para as crianças nos momentos das brincadeiras (p. 97)”.

Nesse âmbito a correspondência do sexismo na postura do docente com a estereotipia no comportamento das crianças torna-se uma evidência comum e corriqueira nas análises do contexto da Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das sessões de observação realizadas na instituição de Educação infantil, foram registradas brincadeiras coletivas e individuais, nas quais meninos e meninas se revezavam, nos mais variados papéis, apenas buscavam um companheiro para brincar e vivenciar momentos agradáveis, não importando ser menino ou menina.

A brincadeira apareceu predominantemente de forma espontânea entre as crianças, fazendo a escolha pelo tipo de brinquedo e/ou brincadeira sem

constrangimentos ou pudores. As crianças trocavam e experimentavam os papéis considerados masculinos ou femininos durante os momentos de brincadeira com naturalidade.

Ao questionar essa naturalidade dos agrupamentos entre meninos e meninas durante as brincadeiras, percebeu-se como meninos e meninas criam novas formas de agrupamento em suas brincadeiras. Considera-se que as relações das crianças na educação infantil apresentam-se como forma de introdução de meninos e meninas na vida social, quando passam a conhecer e aprender seus sistemas de regras e valores, interagindo e participando das construções sociais.

Todavia, ao observar as relações entre as crianças, foi possível levantar a hipótese de que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas ainda não conseguiram contaminar totalmente a cultura da criança.

No caso da categoria voltada ao “tipo de brinquedo”, pela faixa etária das crianças analisadas, o contexto imaginativo (inventar histórias, etc.) permitiu o desenvolvimento de brincadeiras sem necessariamente uma discriminação por gênero. Da mesma forma ocorreu com brinquedos de montar ou criar um desenho. Em casos que as crianças optaram por brinquedos convencionados (estruturados), culturalmente definidos, como jogos de bola (futebol), bonecos de super-heróis, boneca, e brincar de casinha, observou-se uma subdivisão nítida entre meninos e meninas dentro dos padrões culturais.

As inferências expostas apoiam não apenas os relatos da professora entrevistada: “[...] quando aplicamos uma atividade

livre, observo que existe uma interação em alguns momentos (meninas x meninos), porém em determinadas situações eles se separam formando grupinhos ou só de meninas ou só de meninos [...]”; como também estão de acordo com o referencial teórico, particularmente com Kishimoto e Ono (2008) observamos que geralmente as crianças brincam em grupos do mesmo sexo, com temas preferidos por seu sexo, mas isso não engessa a escolha de brinquedos, portanto, no estudo percebe-se que meninas manipulam carrinhos, assim como expressões geralmente contrárias às práticas de estereotipia.

Todavia, isso não impediu que, muitas vezes, as crianças interagissem independentemente dessas diferenciações. As fronteiras entre os gêneros se dissolveram e meninos e meninas interagiram descontraidamente, não mantendo evidentes as divisões de gênero, estando, por vezes, separados e, em outros momentos, juntos. Esse aspecto traz a conclusão de que crianças nesta faixa etária ainda não assimilaram plenamente um comportamento estereotipado em relação aos gêneros, assim, os brinquedos previamente construídos, criados e delimitados, refletem muito mais a visão e intenção dos adultos em reforçar nas crianças a formação de papéis diferenciados, ou seja, a norma de que *meninos devem jogar futebol e meninas devem brincar de “casinha” e cuidar de bonecas*. Condizente à exposição da professora entrevistada pelo presente estudo: “[...] Vai depender do ‘olhar’ e da ‘ação’ do professor. Se eu tenho um professor tradicional onde cria uma separação e distinção entre as crianças, dificultando a interação criança x criança, criança x professor, [...]”.

Após o percurso desenvolvido pelo estudo, destaca-se que discutir as questões

de gênero na educação significa refletir sobre relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Nesse âmbito salienta-se a importância do estudo como um caminho de análise de nossas atuações pedagógicas, necessitando de novas investigações que abarquem observações de crianças em diferentes locais e em um quantitativo maior de participantes que possam trazer novas inferências.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. **“Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física”**. Dissertação de mestrado em educação. 111f. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- BERALDO, K. E. A. **Gênero de brincadeira na percepção de crianças de 5 a 10 anos**. 1993. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei n.8069, 13 de julho de 1990.
- CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I. **Cultura no grupo de brinquedo. Estudos de Psicologia**, Natal, v.7, n.1, p. 181-188, 2002.
- CONTI, L. D.; SPERB T. P. **O brinquedo de pré-escolares: um espaço de ressignificação cultural. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17 n. 1, p. 59-67, 2001.
- FARIA, A. L. G. de. **Pequena infância, educação e gênero: subsídios para**

- um estado da arte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.26, p.279-287, 2006.
- FERNANDES, O. S.; ELALI, G. A. Comportamento infantil no pátio escolar: reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, p. 41-52, 2008.
- FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, v.14; n.03; 2003.
- GOSSO, Y. **Pexe oxemoarai brincadeiras infantis entre os índios Parakanã**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- HANSEN, J. et al. Brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.17, n.02, p. 133-143, 2007.
- KISHIMOTO, T. M.; ONO, A. T. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-Posições**, v. 19; n. 03; 2008.
- MACCOBY, E. E. Gender as a social category. **Developmental Psychology**, v.24, n.06, p.755-765, 1988.
- MARIANO, M.; ALTMANN, H. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas? **Cadernos Pagu**, Campinas, n.46, p. 411-438, 2016.
- MARTIN, C. L.; FABES, R. A. The stability and consequences of young children's same sex peer interactions. **Developmental Psychology**, v. 37, n. 3, p. 431-446, 2001.
- MELLO, L. M. P. S. **Gênero e suas implicações no desempenho psicomotor e desempenho escolar entre meninos e meninas do 1º ciclo do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado (Ciência da Motricidade Humana). 2001. 180f. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2001.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, 1997.
- MORAES, A. S. **Análise estrutural e funcional da brincadeira de crianças em idade pré-escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- MORAIS, M. L. S. **Conflitos e(m) brincadeiras infantis: Diferenças culturais e de gênero**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- PELLEGRINI, A. D.; SMITH, P. K. Physical activity play: The nature and function of a neglected aspect of play. **Child Development**, v.69, n.03, 1998, pp. 577-598.
- PEREIRA, O. G.; JESUINO, J. C. (Orgs.). **Psicologia social do desenvolvimento**. Lisboa: Horizonte, 1985.
- PIAGET, J. **Problemas de psicologia genética**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.16, n.1, p.117-124, 2003.
- RABINOVICH, E. P. Nos tempos dos avós. In: CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D. (Orgs.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 09-30.

- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social** - métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades lúdicas na educação da criança**. São Paulo: Ática, 1998.
- SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, p.1-14, Jul./Jun. 2001-2002.
- SCOTT, J. W. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1989.
- SCOTT, J. W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.02, p. 71-99, jul./dez. 1995,
- SOUZA, F.; RODRIGUES, M. M. A segregação sexual na interação de crianças de 8 e 9 anos **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.3, 2002, p. 489-496.
- VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33; p.265-283, 2009.
- WANDERLIND, F. et al. Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca. **Paidéia**, v. 16; n. 34, p. 263-273, 2006.

WHAT IS THE PLAY OF GENDER? Learning to be "boy" ... Learning to be "girl"

ABSTRACT

Gender is a social construct, that is, an entirely social creation of ideas about the roles specific to men and to women (BEAUVOUR, 1970). In this context, the present study examined the relationships between different genres and the way they are expressed in "play". The sample had 15 children, seven girls and eight boys, all aged between three and four years, students of a Children's Educational Center in Brasília, Federal District. Five sessions of Systematic Observation of spontaneous play, a moment where children did not have directed activities, were performed (RICHARDSON, 1999) along with a semi-structured interview with the teacher responsible for the class. From the data analysis, it can be inferred that the formation of groups was not necessarily determined by the composition of the group according to different genres, however, a higher incidence of homogeneous groups was found. The games do not necessarily follow social stereotypes linked to gender.

Keywords: Gender; Child Education; Play

¿QUÉ ES LA OBRA DE GÉNERO? Aprender a ser “niño”... Aprender a ser “chica”

RESUMEN

El género es una construcción social, o sea, creación social de las ideas sobre los roles propios de los hombres y de las mujeres (BEAVOUIR, 1970). En este contexto el presente estudio analizó las relaciones entre los diferentes géneros y la manera como se expresan al jugar. La muestra contó con 15 niños, siendo siete niñas y ocho niños, todos entre los tres y cuatro años, estudiantes de un Centro de Educación Infantil (Brasilia-DF). Fueron realizadas cinco sesiones de Observación Sistemática (RICHARDSON, 1999) de juego “libre”, momento en que los niños no tenían actividades direccionadas. Además fue hecha una entrevista semiestructurada con la profesora responsable por la clase. A partir del análisis de los datos, se pudo inferir que la formación de grupos no fue determinada de acuerdo con los diferentes géneros, sin embargo fue encontrada una mayor incidencia de grupos homogéneos. Los juegos no necesariamente siguieron los estereotipos sociales ligados a los géneros.

Palabras clave: Género; Educación Infantil; Juego

Recebido em: julho/2015

Aprovado em: abril/2016